

Fichamento de texto para a disciplina PCA5043 – Justiça Climática, Cidades e Desigualdades Ambientais (2022)

Aluno: Mateus Henrique Amaral

Data de entrega: 25/08/2022

Texto: Moore, Jason W., "The Rise of Cheap Nature" (2016). Sociology Faculty Scholarship. 2.

https://orb.binghamton.edu/sociology_fac/2

Sobre o autor:

Jason W. Moore é um historiador ambiental da Universidade de Binghamton, nos Estados Unidos, onde é professor associado do departamento de Sociologia. O site (<https://jasonwmoore.com/>) traz entrevistas, principais disciplinas e áreas de atuação e currículo.

Ideias centrais do texto:

Nesse capítulo de livro, Jason W. Moore explora as relações de desigualdade, poder, riqueza e trabalho para tratar e justificar a origem (ou causa) das consequências ambientais atuais. Além disso, o autor também comenta, dentre os diferentes tópicos, sobre a emergência e repercussões de conceitos como o Antropoceno e o Capitaloceno – a fim de envolver o leitor com as mudanças históricas provocadas pela maneira que a humanidade se relaciona com a natureza.

- Para Moore, o Antropoceno abriu um espaço público para o diálogo na grande mídia, enquanto que a academia – mesmo com muitas divergências disciplinares – tem se dedicado para as discussões mais profundas a respeito do tema.
- Ao sustentar as suas críticas sobre o Antropoceno, o autor argumenta que esse conceito não abrange a história da humanidade; diferente do Capitaloceno, que não se resume a questões geofísicas e demográficas, pois problematiza a relação da humanidade junto à natureza quando incorpora assuntos como desigualdade, mercantilização, apropriação de terra, etc. Para esse conceito, entende-se o capitalismo no sentido mais amplo, como uma potência capaz de moldar a organização da natureza e da sociedade.
- Mesmo sustentando a ideia de que o Capitaloceno é mais conveniente do que o Antropoceno, o autor ainda coloca em xeque a capacidade desses conceitos de produzirem mudanças profundas sobre problemas socioambientais complexos; como as mudanças climáticas.
- Sobre as origens da crise ecológica, o autor comenta que a ascensão do capitalismo – após 1450 – emerge como um ponto de virada na história da

relação da humanidade com a natureza (ex. desmatamento em países como o Brasil). Para ele, esses acontecimentos são mais representativos do que o surgimento da agricultura, das primeiras cidades e da primeira máquina a vapor.

Metodologia e teoria utilizadas:

O autor conduziu uma ampla revisão da literatura, a fim de sustentar e comentar as suas percepções sobre o assunto tratado.

Conclusões:

- A valoração/apropriação da terra e da força de trabalho – ou da natureza barata – podem explicar as consequências ambientais atuais e a sustentação/ascensão do capitalismo;
- Por terem o potencial de desviar o rumo de mudanças urgentes e necessárias sobre a relação entre a humanidade e a natureza, não precisamos de perspectivas de análise como o Antropoceno e Capitaloceno (?);
- O capitalismo está ultrapassando/esgotando os limites estabelecidos pela natureza (que é barateada), não a humanidade.

Citações que chamam a atenção:

- 1) **MOORE, J. W. (p. 01):** “(...) Our collective sense of “**environmental consequences**” has never been greater. But **consequences of what?** Of humanity as a whole? Of population? Of industrial civilization? Of the West? Of capitalism? How we answer the question today will shape the conditions of life on Earth – for millennia to come. (...)”
- 2) **MOORE, J. W. (p. 03):** “(...) the Anthropocene perspective engages the really big questions of historical change: **How do humans make natures, how do natures make humans, and how does that relation shape the extremely long-run of human history?** (...)”
- 3) **MOORE, J. W. (p. 04):** “(...) For Clive Hamilton, “this discussion [Anthropocene or Capitalocene] is a diversion. Will Steffen... understands the social roots of this geological epoch. Paul Crutzen, the inventor of this concept, immediately linked it to the burning of fossil fuels and English capitalism” (Lindgaard, 2015, emphasis added). Worse still, Hamilton asks, “Do we really believe a word is so powerful that it has the capacity to change people’s ideas about the causes of climate change? It is not plausible” – curious words coming from an advocate of the Anthropocene! (...)”
- 4) **MOORE, J. W. (p. 14):** “(...) The condition of the rise of capitalism, in other words, was the creation of Cheap Nature. But Cheap is not free. Cheap is here

understood as work/energy and biophysical utility produced with minimal labor-power, and directly implicated in commodity production and exchange. That labor-power was partly the segment of the population who worked for wages, rapidly growing after **1500**. (...)"

- 5) MOORE, J. W. (p. 23):** "(...) The problem today is the end of the Capitalocene, not the march of the Anthropocene. The reality is not one of humanity “overwhelming the great forces of nature” (Steffen et al.,2011a), but rather one of capitalism exhausting its cheap nature strategy. (This is the small kernel of truth in the otherwise absurd discourse on ecosystem services.). That process of getting extra human natures—and humans too— to work for very low expenditures of money and energy is the history of capitalism’s great commodity frontiers, and with it, of capitalism’s long waves of accumulation. (...)"